



AS IMAGENS FOTOGRÁFICAS COMO FONTES PARA AS PESQUISAS SOCIOAMBIENTAIS

Carlos César Leonardi, Universidade de São Paulo, cesar.leonardi82@gmail.com

Resumo

O trabalho discorre acerca da importância das imagens fotográficas como fontes de pesquisa para o estudo das transformações socioambientais espacializadas geograficamente ao longo dos tempos históricos. As fotografias têm na sua visualidade a possibilidade de dimensionar e comparar cenários de tempos pretéritos com os atuais e propiciar discernimentos sobre os processos da ação humana no território, além de permitir e oferecer suporte aos processos educativos que decorrem sobre a temática pesquisada. As fotografias são textos imagéticos elaborados e contém em sua dimensão as narrativas tácitas que favorecem a ação discursiva e educativa, além de corroborar com o texto redigido. O problema colocado está em conferir às imagens a sua relevância por meio de ressignificação textual mais aguçada na compreensão de um fato. O objetivo do artigo, portando, está em conferir às imagens a sua efetiva importância na elaboração de conhecimentos socioambientais. Para tanto, o procedimento metodológico fulcral deu-se a partir da prospecção bibliográfica temática que evidencia a singularidade da produção imagética como elemento esquemático e propiciador de verificações das alterações socioambientais ocorridas e registradas em imagens, permitindo uma compreensão mais efetiva do objeto de estudo.

Palavras-chave: imagem fotográfica, texto, conhecimento, pesquisa socioambiental.

Introdução

As imagens fotográficas são documentos de registro valiosos, principalmente se relacionadas a outras narrativas discursivas e que trazem a historicidade e a compreensão do processo de transformação espacial, propiciando, dessa maneira, a criação de um texto estruturalmente articulado entre imagens e palavras.

Para Schwarcz (2014), a leitura das imagens conta e registra interpretações de fatos e serve como exercício de análise histórica para o estudo de casos que se pretende pesquisar. Destarte, as fotografias possibilitam ao seu intérprete a investigação e a análise crítica de um fenômeno a partir de uma abordagem sociocultural construída, desde a captura e registro da imagem. Por si só representa uma forma textual e se complementa por meio de uma estrutura verbal refletida pelas palavras.

PUC-Campinas EESC USP Comitês PCJ

APRESENTAM:

SUSTENTARE & WIPIS2023

WORKSHOP INTERNACIONAL

SUSTENTABILIDADE, INDICADORES E GESTÃO DE RECURSOS HÍDRICOS

22/11 evento
23/11 100% online
24/11 e gratuito

Esse arcabouço de leitura possibilita em sua finalização um texto de fomento para diversos conteúdos científicos, dentre os quais os socioambientais, em suas abordagens epistemológicas na elaboração de estudos a serem pesquisados.

Porém, a fotografia é apenas uma impressão de um fato verdadeiro, que consiste no ato mecânico de captura de energia luminosa, permitindo, conforme Zanirato (2005), manipulações na configuração da visualidade a partir de objetos reais, por isso não se constituindo em verdades, mas em construções subjetivas.

Todas as fotografias são representações a partir de uma realidade, ou seja, representam realmente um fato ou cenário, mesmo que este seja forjado e sirva apenas para encenação, mas é o real daquele instante registrado, como nos afirmam Kossoy (2002), Joly (2006) e Santaella e Nöth (2008).

Em uma imagem fotográfica há a associação de componentes de ordem material, que são os recursos técnicos, e os de ordem imaterial, que são os culturais, motivadores da sua captura para posterior exposição e leitura.

Assim, as fotografias oferecem múltiplas oportunidades para a interpretação dos lugares, proporcionando uma recuperação da visualização de cenários que fazem ou fizeram parte de um território transformado pelas diversas intervenções humanas em um contexto socioambiental de um determinado tempo histórico.

A fisionomia e uma melhor compreensão da transformação territorial encontram nas fotografias registradas as representações de fatos, constituindo um suporte documental que nos permite discorrer sobre a ação humana no espaço, auxiliando na leitura da história socioambiental e dos feitos humanos nessas configurações.

Assim, o artigo justifica-se em afirmar que as imagens fotográficas são registros textuais lidos em suas visualidades e conferem elementos para a elaboração de conhecimentos, inclusive àqueles que ressignificam e evidenciam as transformações dos espaços geográficos ao longo da história.

Fundamentação teórica

O trabalho enquadra-se em uma pesquisa teórica fundamentada nas discussões atuais prospectadas em bibliografias que contemplam autores reconhecidos pelo estudo da temática e em trabalhos acadêmicos, que versam sobre as imagens, enfatizando às produções fotográficas, como potencializadoras do discurso narrativo, às quais servem de apoio e complementação aos textos redigidos nas diversas áreas do conhecimento.

Autores como Kossoy (2002, 2014, 2014a), Pataca (2015), Santaella e Nöth (2008), Schwarcz (2014) e Zanirato (2005) discorrem, cada qual com suas argumentações, sobre as produções imagéticas e suas importâncias para o desenvolvimento das ciências.



Os processos cognitivos e simbólicos da linguagem são reportados, dentre outros, por Ciampi (2003) e Chartier (2002; enquanto Correa (2005) e Joly (2006) manifestaram-se acerca da memória e da expressão da linguagem.

As questões territoriais e as paisagens são bem formuladas por Santos (2002) e Castro (2002), as quais permitem um intercâmbio fluente com as questões socioambientais, muito beneficiadas pelos discursos imagéticos que concernem os seus estudos e têm nas fotografias uma aliada na produção e análise das paisagens transformadas pelo homem ao longo do tempo histórico.

O trabalho preocupou-se em traçar e verificar que, tanto a leitura imagética quanto a sua feitura, são realizadas por sujeitos políticos e que têm objetivos explícitos, ou não, na intenção de produzir, propagar ou pesquisar uma imagem.

Metodologia

A pesquisa foi realizada a partir da prospecção bibliográfica em livros, artigos e trabalhos acadêmicos atualizados, de modo físico e virtual, que analisam e discorrem sobre a importância das imagens como fontes discursivas, dando ênfase à interpretação dos territórios transformados pela ação humana ao longo do tempo histórico e que configuram estudos socioambientais.

Após explorar e identificar os textos sobre a temática, fez-se o diálogo entre os pensamentos dos autores e a verificação das imagens, as quais promoviam uma interlocução textual, permitindo uma melhor compreensão das questões socioambientais.

Embora, afirma-se sobre a relevância das imagens fotográficas como forma de complementação dos textos narrativos e que servem para a interpretação mais aguçada das questões socioambientais, este artigo não se utilizou delas, pois não se trata de analisar uma questão de cunho interpretativo analítico, mas sim, evidenciar expositivamente, e de forma textual escrita, a qual não negamos o mérito, a magnitude das imagens arroladas em um texto narrativo como potenciadora na compreensão de fatos e dinamizadora de processos educativos voltados às áreas ambientais.

Assim, as narrativas imagéticas ao serem associadas aos textos redigidos, compõe uma visualização paisagística dos espaços geográficos que se alteram ao longo dos tempos e às técnicas construtivas de cada período, onde a adequação territorial está atrelada às demandas econômicas e sociais, que vão se desenvolvendo e são incorporadas como parte do novo ambiente surgido dessas constantes transformações.



A paisagem transformada e visualizada na imagem fotográfica

O conceito de paisagem na constituição de um espaço geográfico é amplo, mas de maneira geral, a paisagem representa uma porção da configuração territorial possível de visualização.

Para Santos (2002), a paisagem é a porção do território configurado onde é possível abarcar com a visão os elementos naturais e artificiais que fisicamente caracterizam uma área. Nesse aspecto, vai ao encontro das fotografias cujas leituras e interpretações dão-se pelo sentido sensorial da visão.

A paisagem ainda é dotada de construções sociais de períodos históricos, econômicos, políticos e culturais, entrelaçados em suas contradições para compor aquilo que visualizamos na configuração territorial e formadora do espaço geográfico que contém a materialidade e a vida que o anima.

Percebemos a importância das imagens quando associadas ao discurso narrativo, como fontes de expressão do conhecimento elaborado, especialmente quanto à paisagem, que sempre esteve associada ao visual. Para Castro (2002), sendo a paisagem o que se vê,

ela supõe necessariamente a dimensão do real concreto, que se mostra, e a representação do sujeito, que a codifica no ato da observação. A paisagem como fruto dessa observação resulta de um processo cognitivo, mediado pelas representações do imaginário social, pleno de valores simbólicos (CASTRO, 2002, p. 122).

Os aperfeiçoamentos nos registros de impressão da realidade foram desenvolvendo-se pelas técnicas com o passar do tempo e permitiram o aperfeiçoamento da análise territorial de muitas paisagens atuais.

No entanto, segundo Pataca (2015), os aspectos trazidos pelas imagens como fontes de interpretação do mundo e no desenvolvimento científico já haviam sido observadas no século XVI, quando do uso dessa linguagem visual em estudos das chamadas ciências naturais, às quais atribuíram valor ao desenvolvimento das ciências.

Pataca (2015) ao referir-se à história natural, que tinha a necessidade de visualizar para depois nomear os seres observados, corrobora a afirmação de valorização das imagens na interpretação das paisagens e conseqüentemente na construção do conhecimento. Destarte, em um processo epistemológico de compreensão textual, o estímulo desencadeado pela imagem ou pela escrita apoia-se em processos cognitivos, nos quais o

texto é toda mensagem, em qualquer tipo de linguagem: escrita, sonora, imagética, gestual. Para a compreensão, o sentido de um texto é algo que antecede o contato do leitor com o texto. Isto significa dizer que o leitor pré-existe à

PUC-Campinas EESC USP Comitês PCJ

APRESENTAM:

SUSTENTARE & WIPIS2023

WORKSHOP INTERNACIONAL

SUSTENTABILIDADE, INDICADORES E GESTÃO DE RECURSOS HÍDRICOS

22/11 | evento
23/11 | 100% online
24/11 | e gratuito

descoberta do significado das palavras escritas. O leitor foi se configurando no decorrer das experiências de vida, desde as mais elementares e individuais até as decorrentes do intercâmbio com seu mundo pessoal e cultural (CIAMPI, 2003, p. 8).

Para Chartier (2002) a imagem é um sistema simbólico desvendado pelo indivíduo em função de sua cultura e de sua história de vida como resultado da apreensão que faz do mundo e da maneira como se operam os processos de produção do sentido, cujas percepções produzem estratégias e práticas de atuação, sendo a realidade social construída e lida de acordo com os diferentes lugares e momentos, dando a inteligibilidade do sentido.

Segundo Zanirato (2005), ao olharmos para uma imagem a interpretamos além da sua estrutura visual, pois a imagem oferece-se à leitura como uma forma de texto, articulando-se com outros elementos que a compõem, como a cor, o contraste e o volume que a envolvem.

A leitura das imagens, segundo Schwarcz (2014), conta e registra interpretações de fatos e as imagens fotográficas possibilitam ao seu intérprete a investigação e a análise crítica de um fenômeno a partir de uma abordagem sociocultural que culmina na tentativa de identificação dos seus elementos constitutivos.

Assim, as fotografias são produzidas por meio de uma conexão dinâmica do fotógrafo e a captação física de fragmentos do mundo visível. Para Santaella e Nöth (2008, p. 134) elas dependem de um equipamento de registro e implica necessariamente na presença de objetos reais preexistentes que “ao congelar pessoas, coisas ou situações em instantâneos, a fotografia funciona como um repetido testemunho de que aquele instante já passou, não mais existe, desapareceu para sempre, morreu”.

Com base em Correa (2005), podemos dizer que a invenção da fotografia em muito contribuiu para a preservação da memória, àqueles que podem utilizar-se dessa linguagem, pois tornou possível o registro de cenários, situações e uma infinidade de objetos e seres com muito mais precisão e abrangência do que o registro escrito poderia fazer.

Contudo, com esse advento houve a possibilidade da construção de imagens, de mistificação de pessoas e ambientes, tudo por meio de associações que se pretende criar, devendo estar atento e posicionando-se criticamente em sua leitura. Não se deve esquecer de que as imagens devem ser lidas, não são meras figuras decorativas a ornar um texto, conforme orientação de Kossoy (2002) e Schwarcz (2014).

Para a efetivação do registro fotográfico, não se pode furtar de mencionar a relação espaço/tempo, tão bem sugerida por Kossoy (2002), como sendo as coordenadas de situação, pois toda ação ocorre em um espaço e em um momento histórico que possibilitam a intenção e a materialização da fotografia.

Assim, muitos aspectos do espaço geográfico passaram a ter a sua memória visual registrada pelas fotografias. Esse registro fotográfico original constitui uma fonte primária na pesquisa, incluindo a sua transposição para o formato digital, a qual Kossoy (2014) assume



como sendo uma fonte primária, mas sendo sua reprodução constituirá um objeto da imagem produzida, estabelecendo-se como uma fonte secundária, seja qual for o seu conteúdo.

Percebe-se que as fotografias oferecem múltiplas oportunidades para a interpretação de lugares e proporcionam uma recuperação da visualização de cenários que fizeram parte do território em época pretérita e foi alterado pelas intervenções humanas em momentos e situações distintas.

Elas guiam o leitor por um período sobreposto a outro, revelando aquilo que não é mais permitido enxergar no momento atual, a não ser pelo vislumbre do registro de imagens de um tempo passado, fortalecendo na compreensão do panorama das paisagens pré-existentes.

Assim, a imagem, produzida como um documento iconográfico, é uma fonte histórica e serve como testemunho de evidências e de vestígios sobre algo e que Kossoy (2002) sugere remeter a inúmeras indagações.

Nesse contexto, as fotografias pretéritas de cenários paisagísticos, que não existem mais, servem também como representações do registro do olhar daqueles que as fizeram e podem ser utilizadas como fontes documentais da atuação humana no espaço socioambiental transformado.

A interpretação das imagens na elaboração de conhecimentos

Na produção e interpretação das imagens fotográficas, tanto o fotógrafo, o solicitante do registro e o pesquisador que se debruça sobre a imagem para estudá-la, são seres políticos e históricos e suas concepções de mundo estão presentes tanto na elaboração e interesse quanto na análise da imagem.

Portanto, a fotografia é uma expressão pessoal e ao mesmo tempo um registro documental da dinâmica sócio-temporal materializada de um espaço real. Para Kossoy (2014a), ela também possui uma dimensão artística que possibilita novos olhares, independentemente de todo o aparato tecnológico por detrás do seu feitiço, ela consiste na visão de quem a fez, com os seus repertórios culturais, motivacionais e técnicos no registro de situações e lugares.

Nesse sentido a arte alia-se à ciência como ferramenta para a interpretação e constituição de saberes possibilitadores de melhor compreensão da materialidade do mundo, conferindo às imagens uma perspectiva na ampliação do conhecimento sobre o objeto a ser estudado e permitindo uma relação mais eficaz entre expressão e materialidade.

Assim, as narrativas imagéticas não podem ser menosprezadas, elas trazem informações relevantes para a análise de um fato e lugar. Para tanto, deve-se entender como a imagem foi produzida, a sua intenção, por quem, o contexto histórico e qual a mensagem explícita e tácita que ela transmite, além de como ela altera e induz leituras, sendo importantes na recuperação de informações de uma época que devem ser expandidas.

PUC-Campinas EESC USP Comitês PCJ

APRESENTAM:

SUSTENTARE & WIPIS 2023

WORKSHOP INTERNACIONAL

SUSTENTABILIDADE, INDICADORES E GESTÃO DE RECURSOS HÍDRICOS

22/11 evento
23/11 100% online
24/11 e gratuito

Os recursos iconográficos devem ser entendidos como fonte de pesquisa que precisam passar por uma verificação crítica e fazer com que se amplie a noção de arquivo e acervo de pesquisa para além das bases escritas, como nos informa Schwarcz (2014).

As imagens devem ser vasculhadas e estudadas como documentos e não como simples ilustrações. Devem, conforme Schwarcz, (2014, p. 393), ser entendidas como “[...] produção de representações, costumes, percepções e não como imagens fixas e presas a determinados temas e contextos, mas como elementos que circulam, interpelam, negociam”.

A fotografia para ser utilizada como fonte histórica deve associar-se a outros tipos de texto verbal e não verbal e formar a textualidade de uma época a fim de compreender amplamente o seu contexto histórico, pois segundo Figueiredo (2014) os textos imagéticos não são autônomos, necessitam de outros textos para a sua interpretação.

Ampliando a tentativa de imputar às imagens a sua importância para o desenvolvimento dos conhecimentos humanos, não refuta-se em afirmar, corroborado por Joly (2006, p. 11), que existe uma complementaridade entre imagem e linguagem escrita ou oral e não uma oposição, pois “a linguagem não apenas participa da construção da mensagem visual, como a substitui e até a completa em uma circularidade ao mesmo tempo reflexiva e criadora”. Palavra e imagem, cada qual com sua especificidade, se completam na articulação textual, como bem pondera Joly (2006).

Assim, é possível inferir que as imagens podem mudar os textos escritos e estes, por sua vez, podem alterar uma imagem. Textos e imagens se atravessam e se transformam e a visão crítica de quem lê é fundamental para a sua interpretação.

Nessa compreensão, o estudo e a utilização das imagens adquirem também um valor educativo, pois participam da formação do indivíduo crítico na sua leitura mais ampla de avaliação do mundo que o cerca.

A materialidade do registro da imagem, que ocorreu em certo tempo e espaço concretos, passa a ser o nosso referente de pesquisa, como documento e fonte histórica com potencial informativo a ser alcançado na medida em que os seus fragmentos forem contextualizados nos “múltiplos desdobramentos (sociais, políticos, econômicos, religiosos, artísticos, culturais em-fim) que circunscreveu no tempo e no espaço o ato da tomada do registro. Caso contrário, essas imagens permanecerão estagnadas em seu silêncio” (KOSSOY, 2002, p. 21-22).

As cenas recortadas de um determinado lugar, as quais foram apropriadas pelo olhar do fotógrafo, têm na sua origem um espaço e tempo específicos, são as suas coordenadas, segundo Kossoy (2002), e nos levam a melhor compreender e visualizar o processo de transformação pelo qual passou tal lugar.

Salienta-se que o lugar é formado e transformado a partir da sua inserção em um contexto político, econômico e socioambiental mais amplo, extrapolando a escala do observável no recorte materializado da imagem. Deve-se estar atento aos fenômenos não visíveis que estão por trás da representação fotográfica, ensejando pesquisa e análise mais amplas.

Assim, as fotografias de uma localidade são a sua descrição visual e permitem imprimir as composições do aparente, pois abordam elementos constitutivos da paisagem. Contudo,



os aspectos mais relevantes na composição da imagem são as suas motivações, perspectivas essas não aparentes, mas fundamentais para a efetivação do registro fotográfico da feição paisagística impressa na imagem.

Outra questão muito notória acerca dos registros imagéticos refere-se à memória. Para Cartier-Bresson (1908 – 2004), conceituado fotógrafo e desenhista (1971, apud Figueiredo, 2014, p. 117), a fotografia é o único meio de expressão que fixa eternamente um instante preciso e transitório, com a qual os fotógrafos lidam rotineiramente com essas momentaneidades, “[...] com coisas que estão continuamente desaparecendo e, uma vez desaparecidas, não há nenhum esforço sobre a terra que possa fazê-las voltar. Não podemos revelar ou copiar uma memória”.

Conforme Chartier (2002, p. 20), a representação imagética é “instrumento de um conhecimento mediado que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma ‘imagem’ capaz de o reconstituir em memória e o de figurar tal como ele é”.

Para a análise de imagens, segundo Joly (2006, p. 50-55), não existe um método absoluto, mas não se deve esquecer de que a imagem é uma mensagem para o outro e equivale considerá-la como uma linguagem de expressão. Porém, a imagem não tem a função metalinguística, que consiste em dizer de seus códigos com os seus próprios códigos.

Conforme Burke (2017, p. 26), as imagens “são testemunhas mudas, e é difícil traduzir em palavras o seu testemunho”. Contudo, a imagem é composta por elementos que não estão isolados e fazem parte de um todo a ser interpretado nas complexas e múltiplas mensagens que podem suscitar no discurso que emitem.

De fato, a imagem é uma linguagem específica e heterogênea e nessa qualidade distingue-se do mundo real por meio de signos particulares que propõe uma representação escolhida e necessariamente orientada, cuja interpretação permite, ao mesmo tempo, a compreensão dos seus fundamentos e a garantia da liberdade de pensamento em sua análise, atendendo mais uma de suas funções, que é a pedagógica Joly (2006).

As fotografias ao enfocarem, por exemplo, as estruturas urbanas em suas dimensões socioambientais, são fontes documentais extremamente relevantes para a recuperação parcial da visualização da cidade e até das técnicas construtivas utilizadas, permitindo a compreensão de como se compunham determinados locais e como o conhecimento das técnicas construtivas de uma época estavam relacionadas ao modo de vida das pessoas.

Este direcionamento da importância do registro de imagens a partir da técnica fotográfica possibilitou a leitura das transformações ocorridas na paisagem de diversas cidades, conferindo às pesquisas uma linguagem a mais na interpretação e no conhecimento do espaço geográfico, fomentando a memória e a documentação histórica.



Conclusões

As imagens fotográficas constituem-se em uma fonte de estudo e pesquisa de grande valia para as diversas ciências, sobretudo àquelas que estão preocupadas com as transformações socioambientais ao longo do tempo.

O registro fotográfico é um recorte espacial e momentâneo subjetivo de uma experiência visual de quem captou a imagem, cuja construção de significados dar-se-á por meio da elaboração de um modelo relacional entre diferentes elementos textuais.

A escolha do tema a ser fotografado representa um interesse do fotógrafo ou de outrem, cuja imagem obtida poderá ter diversos usos e significações. Por isso, a leitura atenta e comparada com outras formas de expressão poderá facilitar a elucidar a mensagem imagética e produzir o conhecimento científico.

Além disso, a representação da paisagem, mesmo que fragmentária, permite a perpetuação da memória e nos possibilita a noção do espaço e tempo reconstituída nas interpretações suscitadas pelas imagens, onde suas incorporações são como novas e imensas possibilidades de observação, intercâmbio e análise, acrescentando potencialidades ao universo cultural das várias ciências.

Referências bibliográficas

Burke, P. **Testemunha ocular**: o uso de imagens como evidência histórica. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

Castro, I.E. Paisagem e turismo. De estética, nostalgia e política. In: YÁZIGI, E. (org.) **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002. P. 121-40.

Chartier, R. **A história cultural**: entre práticas e representações. 2ª ed. Lisboa: Difel, 2002.

Ciampi, H. **O trabalho das fontes no cotidiano escolar**. São Paulo: Revista Histórica do Arquivo do Estado de São Paulo. n. 11. jun/jul/ago, 2003. p. 4-8.

Correa, C.M.A. O olhar do fotógrafo e o estudo das subjetividades na produção da imagem. In: PELEGRINI, S.C.A.; ZANIRATO, S.H. (orgs.) **As dimensões da imagem**: abordagens teóricas e metodológicas. Maringá: Eduem, 2005. p. 53-62.

Fabris, A. (org.) **Fotografia**: usos e funções no século XIX. São Paulo: Edusp, 1991.



Figueiredo, L.C. Memória, cidade e documentação: transformação da paisagem cultural da cidade de Santa Maria a partir da fotografia. In: PIMENTA, M.C.A.; FIGUEIREDO, L.C. (orgs.) **Lugares: patrimônio, memória e paisagens**. Florianópolis: Editora UFSC, 2014. p. 93-130.

Joly, M. **Introdução à análise da imagem**. 10ª ed. Campinas: Papyrus, 2006.

Kossoy, B. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3ª ed., Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

Kossoy, B. **Fotografia e história**. 5ª ed., São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

Kossoy, B. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. 3ª ed., São Paulo: Ateliê Editorial, 2014a.

Pataca, E.M. **Mobilidades e permanências de viajantes no Mundo Português: entre práticas e representações científicas e artísticas**. Cap. 2. Tese de Livre-Docência. São Paulo. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2015.

Santaella, L.; NÖTH, W. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

Santos, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2002.

Schwarcz, L.M. **Lendo e agenciando imagens: o rei, a natureza e seus belos naturais**. Rio de Janeiro: Sociologia & Antropologia. v.04, n.02. p. 391-431, out., 2014.

Zanirato, S.H. A fotografia de imprensa: modos de ler. In: PELEGRINI, S.C.A.; ZANIRATO, S.H. (orgs.) **As dimensões da imagem: abordagens teóricas e metodológicas**. Maringá: Eduem, 2005. p. 15-37.